

CONSTRUINDO HISTÓRIAS

Aluna: Caroline Cabral da Silva

Orientadora: Lidia Levy

Introdução

Trata-se de uma pesquisa, iniciada a pedido da juíza titular da Vara da Infância, Juventude e do Idoso da comarca de Madureira, cujo objetivo inicial era acompanhar crianças de 7 a 12 anos, que estivessem em perspectiva de serem adotadas, para ajudá-las a confeccionar um álbum, onde elementos de sua história, considerados por elas significativos, seriam registrados. Utilizamos como modelo o projeto Fazendo Minha História, do Instituto Fazendo História, de São Paulo, adaptando sua metodologia à realidade dos abrigos cariocas.

Percebe-se na realidade de crianças institucionalizadas que pouco lhes é transmitido sobre sua origem, pouco espaço lhes é oferecido para o relato de suas lembranças e pouco lhes é comunicado sobre suas perspectivas no futuro. Pensando nisso, autores como Rosseti-Ferreira, Sólton e Almeida (2010) indicam a necessidade de proporcionar à criança abrigada a possibilidade de contar sua história e dela se apropriar através de jogos e narrativas, através de interações verbais e não verbais. Sugerem fazer com a criança um “Livro de Vida”, descrito como um álbum de fotografias e desenhos com comentários reflexivos sobre a separação da família biológica, a chegada ao abrigo ou na família substituta e as diferentes vivências nos diferentes contextos pelos quais passou. A experiência de narrar ao outro favorece a construção dos significados que a criança tem sobre o mundo e sobre si mesma.

Figueiredo (2007) evidencia a importância do agente cuidador exercer a função de testemunha, ou seja, levar de volta ao sujeito sua própria imagem. Neste sentido, verifica-se que para uma criança ser capaz de construir sua história é necessário que um adulto tenha podido identificar e interpretar suas manifestações, dando-lhes sentido.

Objetivos

Os principais objetivos deste trabalho foram: (i) ajudar crianças abrigadas, cuja família já tivesse perdido o poder familiar e estivessem disponíveis para serem incluídas em família substituta, a se situarem, enquanto indivíduo com direito à voz, em sua própria história; (ii) ajudá-las na elaboração de perdas e na transição da instituição para a nova família.

Metodologia

Foram confeccionados três álbuns de três crianças (2, 4 e 5 anos de idade) de um grupo de seis irmãos, abrigados na mesma instituição, que seriam adotados em duplas por três famílias. Foram realizados, no abrigo, oito encontros com cada criança ao longo de dois meses. Os encontros se davam uma vez por semana, com duração de 1 hora. Material básico, como folhas de papel almaço coloridas, canetinhas, lápis de cor, giz de cera, cola, tesoura, barbante, foi utilizado, assim como qualquer outro que pudesse ser incluído na tarefa. Atividades como: fazer uma carteira de identidade, desenhar suas mãos e seus pés, medir seu tamanho com um barbante, desenhar e inventar histórias, tirar fotos, entre outras, foram sendo incluídas no álbum.

A última página do álbum foi produzida na casa das famílias adotantes, durante o período de convivência. Os álbuns foram entregues às crianças na audiência em que a adoção foi concretizada.

Conclusões

Durante a execução das tarefas, foram feitas algumas observações que merecem destaque. Inicialmente, verificou-se que a atenção exclusiva do pesquisador em relação à criança foi suficiente para gerar efeitos de mudança. Embora fossem bem cuidadas, o número de cuidadores não era suficiente para dar conta de tantas crianças e, além disto, é grande o rodízio dos profissionais que as atendem.

Em segundo lugar, a ideia de ter um álbum somente seu foi igualmente muito importante. Devemos considerar que as crianças no abrigo estão sempre dividindo pertences, momentos e atenção. Sendo assim, o álbum ganhou o valor de um pertence exclusivo.

Como as crianças eram muito jovens, o trabalho se deu menos através da fala, e mais por brincadeiras, desenhos e histórias, por elas criadas. Registrar os acontecimentos do presente, assim como seu desenvolvimento, foi também importante. Quanto ao futuro e à perspectiva de adoção, os encontros possibilitaram uma maior compreensão da situação. As crianças puderam diminuir aos poucos os medos e angústias e criar boas expectativas.

Finalmente, após o término do trabalho, foi também importante o encontro com as famílias adotivas, não só para poder incluir a nova situação de vida na última página do álbum, mas também por estar presente nessa transição, como a “testemunha” que as acompanhou durante o processo.

Referências

- 1- FIGUEIREDO, L.C. A metapsicologia do cuidado. *Psychê*, São Paulo, ano XI, n. 21, 2007, p 13-30.
- 2- ROSSETTI-FERREIRA, M.C.; SÓLON, L. A. G.; ALMEIDA, I, G. A voz da criança abrigada: a delicada arte da conversa e da escuta. In: BENARDI, D. C. F. (Org.) *Cada caso é um caso – A voz das crianças e dos adolescentes em acolhimento institucional*. Coleção abrigos em movimento. Brasília: Secretaria Especial de Direitos Humanos. Vol.5, 2010, p.61-73.